

Nota de  
abertura



# Celebrar a literatura

ISABEL HENRIQUES DE JESUS\*

---

Pensar a literatura como um poderoso meio de encontrar sentido para a existência é algo reconfortante e simultaneamente sugestivo de como a nossa vivência empírica é reduzida face às múltiplas possibilidades que se lhe oferecem. A literatura permite, não só ampliar o fluxo experiencial, como questionar, imaginar e seleccionar itinerários. E, no entanto, um dos seus mais interessantes atributos é a permanência – quando toma a forma de livro – e, simultaneamente, a temporalidade. Muitas pessoas sábias – que já leram muito e fixaram alguns autores/livros como indispensáveis – afirmam a preferência pela releitura das obras que as marcaram em momentos

.....  
DOI: <https://doi.org/10.34619/yob4-cltb>

\* ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8172-4224>

CIENCIA ID: 0A12-7962-7826

Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA), Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT), 1069-061 Lisboa, Portugal

[misabeljesus@fcsh.unl.pt](mailto:misabeljesus@fcsh.unl.pt)

específicos da vida e a que retornam, vezes sem conta, em busca de novas descobertas, ou interrogando-se como Eduardo Prado Coelho sobre: “a frase decisiva e essencial da nossa existência?” (1993, p. 12).

Talvez Flaubert, em carta dirigida a M.lle Leroyer de Chantepie, em 4 de Setembro de 1858, tivesse razão quando afirmou: “le seul moyen de supporter l’existence, c’est de s’étourdir dans la littérature comme dans une orgie perpétuelle” (1854-1861, p. 277), e esse é um atributo da magia que a literatura provoca nas nossas vidas; permite-nos lidar com o terrível e potenciar o agradável; por vezes apazigua e, outras, dessorsega. Espelha as nossas acções e ajuda a transcender a nossa finitude.

Mais do que qualquer teoria do comportamento humano, por definição contida num sistema de pressupostos controláveis e verificáveis, a liberdade subjacente ao processo criativo ajuda a compreender e possibilita todas as formas de evasão, mas também as dúvidas inexauríveis e profundas, que aniquilam, assim como libertam. Ouvi, algures, a escritora Isabela Figueiredo associar liberdade a solidão; disse algo como “quem é muito livre corre o risco de ser muito solitário”. Essa frase ecoou-me a leitura de *Escrever*, de Marguerite Duras, onde o processo de escrita é associado a uma profunda solidão: “a solidão da escrita é uma solidão sem a qual o escrito não se produz, ou se esfarela, exangue de procurar o que escrever. Perde o seu sangue, já não é reconhecido pelo autor. [...] É sempre necessária uma separação das pessoas que rodeiam aquele que escreve livros. É uma solidão. É a solidão do autor, a da escrita” (1994, pp. 14-15). Este interessante documento teve na sua génese uma conversa filmada com o seu assistente e amigo Benoît Jacquot, que adaptou para o cinema uma das peças de Duras, *Suzanna Andler* (2021). A conversa foi posteriormente editada e, segundo alguns, o texto foi revisto pela própria Duras. A edição, em francês, data de 1993, cerca de três anos antes da morte da autora. A relação de Duras com a escrita apresenta-se como inseparável da vida, como algo primordial, anterior à própria existência. “A escrita torna-nos selvagens. Regressamos a uma selvajaria de antes da vida. E reconhecêmo-la sempre, é a das florestas, tão velha como o tempo. A do medo de tudo, distinta e inseparável da própria vida. Ficamos obstinados. Não podemos escrever sem a força do corpo” (Duras, 1994, p. 24). Para Duras, a vida era indissociável da escrita, ou, talvez melhor, da criação que, como sabemos, assumiu diversas vertentes.

Escreveu muito, publicou muito; a casa era o seu lugar de solidão e de escrita, sempre inseparáveis.

Um escritor é uma coisa curiosa. É uma contradição e, também, um contra-senso. Escrever também é não falar. É calar. É gritar sem ruído. Um escritor é, muitas vezes, repousante: ouve muito. Não fala muito porque é impossível falar a alguém de um livro que se escreveu e, sobretudo, de um livro que se está a escrever. É impossível. [...] Porque um livro é o desconhecido, é a noite, é fechado, é assim. É o livro que avança, que cresce, que avança em direcções que julgávamos ter explorado, que avança em direcção ao seu próprio destino e ao do seu autor, então aniquilado pela sua publicação. (Duras, 1994, p. 29)

“Escrever não salva nada” é o nome de uma conversa sobre Marguerite Duras (Literatura PUC SP, 2021). Talvez não salve, porque a salvação é um mito inalcançável, mas talvez salve pela imprescindibilidade da tarefa. Marguerite Duras escreve sempre, mesmo diluindo as fronteiras do género. No teatro, nos filmes, a escrita está sempre lá, ainda que seja uma escrita dos silêncios ou da ausência na fixação de um sentido, como no extraordinário filme *Nathalie Granger* (1972).

Dedicamos este número 49 da revista *Faces de Eva* a Marguerite Duras, e com isso celebramos a literatura enquanto modalidade de expressão estética do mundo e da sua interrogação permanente. Depois de um texto de homenagem, “condenado à morte uma homenagem a marguerite duras”, abrimos com um texto “Marguerite Duras ou a escrita da ausência” e caminhamos através da escrita teatral com “*Maria Lusitania* (1975) de Charlotte Delbo (1913-1985): Voix féminines de la Révolution des œillets sous la plume d’une résistante française”. O dossiê intitulado “Escrever salva?”<sup>(1)</sup> termina com “‘Aquilo não é literatura’: Leituras à margem em *À flor do tempo* de Ilse Losa”. Outros três textos compõem o separador “Estudos”: “Colonizações

---

1. Este título inspirou-se em “Escrever não salva nada” (Literatura PUC SP, 2021), preferindo o questionamento à afirmação, e comporta três estudos em que, de algum modo, a questão se pode colocar: no primeiro, qual a condição do sujeito feminino, como pode a escrita abordá-la; no segundo, a escrita reelabora memórias terríveis; e no terceiro, também a escrita denota a necessidade de ultrapassar experiências traumáticas. As três autoras, aqui analisadas, nasceram entre 1913 e 1914 e, em circunstâncias diferentes, todas sofreram os horrores da II Guerra Mundial.

afetivas e educação somática: a prática da Biodanza na produção de relações de género”; “Mulheres e espaços religiosos na cidade: um caso de ‘ativismo’ no cemitério de Loures”; “A mulher oitocentista em Cenas de África? Romance Íntimo”.

Como sempre, e mantendo a estrutura da revista, os restantes textos que a integram têm um carácter mais livre dos espartilhos académicos, mas neles colocamos o mesmo rigor e interesse pelos trajectos de quem aqui apresentamos. Nesse sentido, agradecemos vivamente a quem se prontificou a colaborar connosco, ou em termos de autoria ou de personagem. Em “Estado da questão” apresentamos o projecto europeu SPEAR, que promoveu a implementação do plano de igualdade de género na Universidade NOVA de Lisboa; a “Entrevista” a Paulina Chiziane surge num momento oportuno, pouco tempo depois de lhe ter sido entregue, a 5 de Maio, o Prémio Camões 2021. O pioneirismo de Bertha Lutz, grande lutadora pelos direitos das mulheres, é realçado na rubrica “Pioneira”. Em “Retrato”, é-nos apresentada uma personagem fundamental para a divulgação da literatura e da cultura japonesa em Itália, Adriana Boscaro.

Como sempre, a última rubrica da revista contém um conjunto de recensões de livros, e desta vez também de uma série da Netflix.

Ao terminar esta Nota de Abertura, não podemos deixar de, comovidamente, recordar aquele que foi o patrocinador da nossa revista durante o ano de 2001, o comendador Rui Nabeiro. A ele e aos cafés Delta, o nosso profundo agradecimento!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coelho, E.P. (1993, Outubro 6). Um livro aberto é também a noite [An open book is also the night]. *Público*, p. 12.
- Duras, M. (Director, Writer). (1972). *Nathalie Granger*. Moullet et Cie.
- Duras, M. (1994). *Escrever* [Writing] (Vanda Anastácio, Trad.). Difel (original work published 1993).
- Flaubert, G. (1854-1861). *Œuvres complètes de Gustave Flaubert: Correspondance* [Complete works of Gustave Flaubert: Correspondence]. Nouvelle édition augmentée. Quatrième série (1854-1861). <https://archive.org/details/correspondance000oflauj2a8>
- Jacquot, B. (Director), & Duras, M. (Writer). (2021). *Suzanna Andler*. Les Films du Losange.

Literatura PUC-SP. (2021, Novembro 12). *Escrever não salva nada: Uma conversa com Marguerite Duras* [Writing saves nothing: A conversation with]. [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=8rpw4LzpDuE>

Aceite para publicação/ Accepted for publication: 05/06/2023

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) / This journal is licensed under a Creative Commons - Attribution - Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) license

